

# ACADEMIA GONCOURT: A INSTITUIÇÃO EM TRÊS MOMENTOS

## GONCOURT ACADEMY: THE INSTITUTION IN THREE MOMENTS

Zadig Mariano Figueira Gama<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este artigo restabelece três momentos da história da Academia Goncourt: o de sua concepção nas últimas décadas do século XIX, o de sua fundação na virada do século XIX para o XX, e o de sua renovação ao final do século XX e início XXI. Por meio de documentos que comprovam sua idealização assim como pelas ideias veiculadas em periódicos franceses e brasileiros, busco observar, em um primeiro momento, as tensões no interior do grupo de escritores reunidos no cenáculo literário do qual a Academia se originou. Em seguida, examino o efeito midiático de sua criação. Por fim, volto-me para os valores simbólicos e financeiros a ela relacionados nos dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Academia Goncourt; Prêmio Goncourt; Edmond de Goncourt; campo literário.


**ABSTRACT:** This article re-establishes three moments in the history of the Goncourt Academy: its conception in the last decades of the 19th century, its foundation at the turn of the 19th century to the 20th, and its renewal at the end of the 20th century and beginning of the 21st. Through documents that comprove its idealization, as well as through ideas conveyed in French and Brazilian periodicals, I will observe, at first, the tensions within the group of writers gathered in the literary cenacle from which the Academy originated. Next, I will examine the media effect of its creation. Finally, I focus on the symbolic and financial values related to it nowadays.

**KEYWORDS:** Goncourt Academy; Goncourt Prize; Edmond de Goncourt; literary field.

Na edição do dia 21 de janeiro de 2010 do jornal francês *Le Figaro*, os jornalistas e críticos literários Mohammed Aïssaoui e Françoise Dargent assinaram o artigo intitulado “Le bandeau, meilleur ami du livre?”, no qual questionam a eficácia de certos artifícios de que as editoras francesas lançam mão para atrair o público leitor. Obras escolhidas pelos júris de prêmios literários como Interallié, Flore, Lectrices de Elle, Renaudot, Femina e os da Academia Francesa e da Academia Goncourt muitas vezes têm, em suas capas, reproduções dos cartazes de suas adaptações cinematográficas ou cintas coloridas que envolvem os volumes para destacá-los dos demais. A importância que a cinta encontra junto ao público fica clara já no parágrafo que abre o artigo:

---

<sup>4</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista CAPES. E-mail: [zadig.m.figueira.gama@letras.ufrj.br](mailto:zadig.m.figueira.gama@letras.ufrj.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-5422-1031>

Cada livreiro já viveu, um dia, essa cena: um cliente entra na livraria para exigir o prêmio Goncourt que acabou de ser atribuído; trazem-lhe o romance laureado, mas o leitor não fica satisfeito! Por quê? – lhe perguntam. Porque ele quer o livro com a cinta: “É um presente!”. Como se *Trois femmes puissantes*, de Marie NDiaye, não tivesse o mesmo valor sem sua célebre cinta vermelha? (AÏSSAOUI; DARGENT, 2010)<sup>5</sup>

A referida passagem toma como exemplo o romance *Trois femmes puissantes* (2009),<sup>6</sup> da escritora, roteirista e dramaturga francesa Marie NDiaye, vencedora do prêmio Goncourt em 2009, e coloca em primeiro plano uma estratégia publicitária que faz as vezes de selo de qualidade. Quando questionada pelo *Figaro* se essas cintas têm efeito na captação de leitores, a chefe do setor de literatura da varejista francesa Fnac, Laurence Deschamps, é categórica: “Com absoluta certeza, sim, as cintas são eficazes [...]. Mas nem todas são equivalentes” (AÏSSAOUI; DARGENT, 2010).<sup>7</sup> Deschamps acrescenta: “Continuamos vendendo o Goncourt e os grandes prêmios; mas é mais difícil dizer que todos os outros prêmios realmente surtem efeito” (AÏSSAOUI; DARGENT, 2010).<sup>8</sup> A escolha de um título ao qual foi conferido o prêmio Goncourt não parece ter sido feita ao acaso pelos articulistas do *Figaro*, pois, ao final do artigo, é possível ter uma ideia de como a cinta vermelha materializa o valor simbólico desse prêmio:

Após o anúncio do prêmio Goncourt, bastam alguns minutos para a gráfica ligar as máquinas que imprimirão a cinta vermelha. Em Saint-Amand-Montrond, a gráfica do grupo CPI possui três máquinas para colocar as cintas. Essa capacidade de resposta e força de combate permitem obter livros em traje de gala no mesmo dia do anúncio do Goncourt. Prevenido, o editor que tem uma obra na fase de seleção final já terá enviado os arquivos adequados para a impressão (AÏSSAOUI; DARGENT, 2010).<sup>9</sup>

<sup>5</sup> “Chaque libraire a, un jour, vécu cette scène: un client entre dans la librairie pour réclamer le prix Goncourt qui vient tout juste d’être décerné; on lui apporte le roman couronné, mais le lecteur n’est pas satisfait! Pourquoi? lui demande-t-on. Parce qu’il veut le livre avec le bandeau: « C’est pour offrir! » Comme si *Trois femmes puissantes* de Marie NDiaye n’avait pas la même valeur sans son célèbre bandeau rouge?”. Esta e as traduções subsequentes foram feitas pelo autor deste artigo.

<sup>6</sup> No Brasil, *Três Mulheres Fortes*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

<sup>7</sup> “À coup sûr, oui, les bandeaux ont un effet [...]. En revanche, tous les bandeaux ne se valent pas”.

<sup>8</sup> “On continue toujours à vendre le Goncourt et les grands prix; mais il est plus difficile de dire que tous les autres prix ont un véritable effet”.

<sup>9</sup> “Il suffit de quelques minutes à l’imprimeur après l’annonce du prix Goncourt pour lancer les machines qui fabriqueront le bandeau rouge. À Saint-Amand-Montrond, l’imprimerie du groupe CPI possède trois machines à poser les bandes. Cette réactivité et cette force de frappe permettent d’obtenir des livres en tenue de gala le jour même de l’annonce du Goncourt. Prévoyant, l’éditeur qui compte un ouvrage dans la toute dernière sélection aura auparavant envoyé les fichiers adéquats”.

A cinta vermelha, que chama a atenção para o nome Goncourt em determinados romances nas livrarias, representa atualmente o reconhecimento de um valor simbólico encarnado pelo prêmio, que atesta qualidade literária, garante reconhecimento dos pares e sua importância para as Letras, além de ser reverenciado pelo público leitor. A cinta vermelha traz posteriormente ao título laureado uma importância financeira pelo aumento significativo no número de suas vendas. Ao longo do século XX e até os dias de hoje, estabeleceu-se progressivamente uma relação metonímica entre o nome Goncourt e a qualidade literária da obra à qual ele está associado. Criado pelo espólio dos irmãos Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt e pelo projeto de sobrevivência do nome executado pelo irmão mais velho, o Prêmio Goncourt recompensa o melhor romance de expressão francesa do ano desde 1903. Esta distinção literária, que destaca o nome Goncourt nas livrarias e o coloca na ordem do dia de jornais e revistas de diversos países, desde sua concepção, reúne e atualiza valores em jogo no campo literário como a autonomia artística e as sanções externas de mercado (BOURDIEU, 1996). O valor simbólico deste que hoje é frequentemente referido fora do meio acadêmico, sobretudo na imprensa, como “o mais prestigioso dos prêmios literários franceses” faz da Academia que o atribui não somente a principal instituição de consagração do romance na França, mas também uma arena onde se travaram lutas simbólicas antes mesmo de sua fundação (PONTIS, 2018).<sup>10</sup>

## DO SÓTÃO À ACADEMIA GONCOURT

A história da Academia Goncourt tem origem em 1874, quando Edmond de Goncourt, de luto por seu irmão Jules, morto em 1870, redige a primeira versão de seu testamento, reescrito diversas vezes antes de sua morte, em 1896. A ideia de fundar uma academia provavelmente veio no ano anterior, quando seu amigo Philippe de Chennevières fundou a Académie de Bellême, na região da Normandia, e o convidou para figurar entre os dez acadêmicos da instituição. Este foi um dos primeiros passos de Edmond no projeto de manter o nome Goncourt em circulação no campo literário após sua morte, amadurecido ao longo das últimas décadas de sua vida e registrado no diário que mantinha desde 1851, o *Journal des Goncourt*:

Quinta-feira, 3 de dezembro [de 1885] – Ideia de todos os momentos, na minha cabeça, de no futuro preservar o nome Goncourt em todas as sobrevivências possíveis, pelas obras, pelas fundações, pela aplicação de

<sup>10</sup> “[...] le plus prestigieux des prix littéraires français”.

meus bens ou marca sobre todas as coisas de arte possuídas pelo meu irmão e por mim (GONCOURT, 1989, t. 2, p. 1201).<sup>11</sup>

No início da década de 1880, Edmond de Goncourt avança no projeto de conservação de seu nome sob os holofotes da imprensa e da crítica ao publicar *La Maison d'un artiste* (1881), obra peculiar que não somente representa literariamente um espaço artisticamente decorado, mas também oferece um inventário das obras de arte e literárias que vinha reunindo ao longo de sua vida. Esta foi a maneira que o escritor encontrou para apresentar o interior da casa em que residiu com seu irmão desde 1868, localizada no bairro parisiense de Auteuil, e chamar a atenção para o que ficou conhecido, poucos anos depois, como o *Grenier d'Auteuil* e *Grenier d'Edmond de Goncourt* (Sótão de Auteuil e Sótão de Edmond de Goncourt, respectivamente). O Sótão na verdade é a união de três cômodos do segundo andar da casa de Auteuil (dentre os quais o quarto de Jules), transformados em um ambiente de conversa entre “escritores, homens de letras, até mesmo distintos amadores, unidos por um amor comum pela literatura” (BONNIN-PONNIER, 2012, p. 128)<sup>12</sup>. A transformação dos encontros dominicais na casa de Edmond em Academia foi consequência do valor de instituição que esse espaço frequentado por homens de letras adquiriu nas duas últimas décadas do século XIX e do desejo que Edmond tinha de criar uma sociedade literária em torno do gênero romance.

Esse espaço de reuniões, que desde sua inauguração no dia 1º de fevereiro de 1885 havia sido alvo de interesse da imprensa, foi frequentado inicialmente por romancistas, como Alphonse Daudet, Joris-Karl Huysmans, Léon Hennique, Octave Mirbeau, Lucien Descaves, Paul Alexis, Paul Bonnetain, Paul Margueritte, Jean Ajalbert, Jules Vidal, Maurice Barrès, o conde de Villedeuil e os irmãos Rosny. O *cenáculo* formado em torno de Edmond, ainda que tivesse ideais ligados ao romance contemporâneo, recebeu igualmente nomes ligados à pintura, como Jean-François Raffaëlli e Eugène Carrière; à gravura, como Félix Bracquemont; à crítica de arte e literária, como Philippe Burty e Gustave Geffroy; ao universo da edição, como Georges Charpentier; e até mesmo à poesia, como Henri de Régnier, Mallarmé, José-Maria de Heredia e Georges Rodenbach (GLINOER; LAISNEY, 2013, p. 180-185). Trata-se, portanto, de uma associação de diferentes gerações de homens de letras que, ao longo dos anos, aumentou significativamente suas dimensões, dentro da qual se encontram figuras de proa do naturalismo em literatura assim como escritores iniciantes que as tinham como referência.

<sup>11</sup> “Jeudi, 3 décembre [1885] – Idée de tous les moments, chez moi, de défendre dans l’avenir de l’oubli ce nom de Goncourt par toutes les survies, survie par les œuvres, survie par les fondations, survie par l’application de mon chiffre ou de ma marque sur toute les choses d’art possédées par mon frère et moi”.

<sup>12</sup> “[...] écrivains, hommes de lettres, voire amateurs distingués, unis par un amour commun de la littérature”.

Tendo em mente uma academia em dimensões menos faraônicas que as da Academia Francesa, e com um cenáculo reunindo homens de letras, artistas e agentes do campo literário francês que participavam ativamente dos debates estéticos e das lutas simbólicas, Edmond de Goncourt buscou os nomes daqueles que constituiriam o corpo de membros de seu projeto de academia e futuro júri do prêmio que ela atribuiria entre os frequentadores de seu Sótão. A redação da primeira versão de seu primeiro testamento, que data de 14 de julho de 1874, colocava o marido de uma de suas primas, Léonidas-Eugène Labille de Breuzé, como legatário universal, e indicava os nomes dos futuros acadêmicos: Gustave Flaubert, Paul de Saint-Victor, Louis Veuillot, Théodore de Banville, Barbey d'Aurevilly, Eugène Fromentin, Charles-Philippe de Chennevières, Émile Zola, Alphonse Daudet e Léon Cladel. Essa lista logo precisou sofrer alterações em virtude da morte de alguns dos primeiros escolhidos. Fromentin é substituído por Paul Bourget em 1876; Flaubert por Maupassant em 1880; Saint-Victor por Henry Céard em 1881; e Veuillot por Pierre Loti em 1883 (DEFFOUX, 1920). Afetado pela morte de quatro dos dez escolhidos, assim como por aquela do pintor italiano e amigo Giuseppe de Nittis, Edmond destrói a primeira versão do primeiro testamento e reformula suas últimas vontades em um novo documento.

Em 16 de novembro de 1884, Edmond escreve a primeira e, logo em seguida, a segunda versão de seu segundo testamento, rasurando-as e acrescentando novas informações diversas vezes. As reformulações do testamento, que poderiam ser vistas inicialmente como hesitações de Edmond, na verdade revelam diferentes posicionamentos do escritor em relação a diversas questões. A primeira delas diz respeito a quem se incumbiria de garantir que suas últimas vontades fossem respeitadas. Enquanto na primeira versão do testamento a Academia Goncourt havia sido designada como sua legatária universal e, em caso de impedimento, a sucessão se daria pela *Œuvre des filles incurables*, fundada pela Princesa Mathilde, a incerteza quanto a quem seria o executor testamentário aparece em uma profusão de adendos. Labille, primeiro executor, foi substituído por Alphonse Daudet em 1882. O estado de saúde deste, entretanto, inquietava Edmond, que decide acrescentar o nome de Henry Céard junto ao de Daudet, designando-os ao mesmo tempo como executores testamentários e legatários universais, pois não poderia deixar seus bens a uma instituição que ainda não havia sido criada. No codicilo do dia 5 de novembro de 1887, Léon Daudet é designado executor testamentário, caso Alphonse Daudet morresse e, em seguida, no codicilo do dia 6 de julho de 1890, este volta a figurar como executor testamentário ao lado de Léon Hennique

Por meio do testamento de Edmond é igualmente possível observar as alianças e desafetos do escritor ao longo do período de reelaboração do documento. A evocação contínua do nome Daudet revela a ligação estável entre ele e a família: com Alphonse, seu amigo e correligionário literário desde

1873; com Léon e Edmée, filhos de Alphonse, sendo o primeiro aquele que fazia entrar no Sótão uma geração mais jovem de homens de letras e, a segunda, a filha de Edmond, a quem designou a soma de 5.000 francos no codicilo do dia 4 de novembro de 1887. A relação com Henry Céard, ao contrário, encontrava-se abalada já havia algum tempo, tendo sido finalizada cerimoniosamente pela substituição de seu nome pelo de J.-H. Rosny aîné, em codicilo do dia 5 de novembro 1887, e pela página mordaz do *Journal* do mesmo dia, na qual Edmond revela as divergências literárias que permeavam essa relação (GONCOURT, 1989, p. 75-76, t. 3). Na esteira de Céard, o nome de Émile Zola foi igualmente riscado do testamento. O esfriamento da relação de Edmond com o autor do ciclo dos *Rougon-Macquart* remonta aos primeiros anos do funcionamento do Sótão: quando Zola publicou o romance *La Terre* (1887), houve, no *Figaro* do dia 18 de agosto de 1887, uma reação sob forma de carta aberta endereçada ao escritor, intitulada *Manifeste des Cinq* (*Manifesto dos Cinco*). Nesse texto, Bonnetain, Descaves, Margueritte, os irmãos Rosny e Gustave Guiches, frequentadores do Sótão, censuravam fortemente Zola pela vulgaridade e mercantilização do naturalismo. Os laços entre os escritores foram se afrouxando gradualmente, até que a notícia de que Zola havia se candidatado à Academia Francesa levasse Edmond a substituí-lo por Octave Mirbeau no codicilo do dia 25 de julho de 1890.

Mais nomes foram substituídos com o passar dos anos. O de Jules Vallès, que já havia tomado o lugar de Cladel, pelo de Gustave Geffroy, em 14 de fevereiro de 1885; e o de Aureville, que substituíra Chennevières, pelo de Léon Hennique, em 23 de abril de 1889, em decorrência da morte dos primeiros. A entrada de Loti para a Academia Francesa no dia 21 de março de 1891 assim como a morte de Théodore de Banville no mesmo ano acarretam a perda de mais dois elementos da lista de Edmond. Seus nomes são riscados do testamento assim como os de Bourget e de Maupassant, havendo substituição de apenas dois, por J.-H. Rosny jeune e por Margueritte. Com oito dos dez futuros membros da Academia registrados, Edmond acrescenta em seu testamento, no dia 24 de junho de 1891, as instruções sobre as vendas de seu patrimônio após sua morte e sobre a publicação do *Journal*.

Não satisfeito com o sem-número de supressões e acréscimos, no dia 7 de maio de 1892, Edmond redige a terceira versão do segundo testamento, designando Alphonse Daudet e Léon Hennique não mais como executores testamentários, mas como legatários. Esta e as primeiras versões do testamento virão integralmente ao conhecimento público somente após sua morte, em 1896. Antes disso, ao longo das décadas de 1880 e 1890, além de participar regularmente à imprensa as suas últimas vontades, Edmond lançou mão de estratégias de preservação do interesse pelo seu legado. O Sótão apresenta-se como um sistema de parcerias no qual os romancistas que o frequentavam, beneficiando-se da visibilidade que o cenáculo possuía, assegurariam de alguma maneira o cumprimento dos desejos de Edmond.

## A ACADEMIA GONCOURT NA IMPRENSA BRASILEIRA: UMA HISTÓRIA FOLHETINESCA

Antes do conhecimento público das diferentes versões do testamento de Edmond de Goncourt, a imprensa brasileira já vinha assinalando a falta de reconhecimento institucional do gênero romance no campo literário francês.<sup>13</sup> A cada nova cadeira vaga na Academia Francesa, os jornais e revistas brasileiros, ainda que com certa desesperança, especulavam possíveis nomes para ocupá-la, dentre os quais os de escritores naturalistas, em grande parte frequentadores do Sótão. À época da eleição de Sully Prudhomme<sup>14</sup> e de Victor Cherbuliez<sup>15</sup>, em 1882, o jornalista português Guilherme Avelino Chaves de Azevedo, correspondente da *Gazeta de Notícias*, insinua que Edmond de Goncourt, Alphonse Daudet e Émile Zola, dentre outros, teriam pretensões de pleitear uma cadeira no que descreveu como uma “carroça de glória” (*Gazeta de Notícias*, 3 jan. 1882, p. 1). O interesse desses três escritores naturalistas em pertencer à Academia Francesa logo passou a ser reavaliado. O nome de Edmond dentro de pouco tempo foi descartado nas especulações da imprensa brasileira referentes à eleição de novos acadêmicos, como comprova o que poderíamos caracterizar como o primeiro capítulo de uma longa narrativa serializada, nos moldes do romance-folhetim, que se tornou mais frequente e romanceada ao longo dos anos. Trata-se do efeito da repercussão dos esclarecimentos dados por Edmond de Goncourt ao jornalista Charles Chincholla sobre os projetos que constavam em seu testamento, publicados na edição do dia 24 de junho de 1882 do jornal *Le Figaro*. Inicialmente sintetizadas na edição do dia 25 de julho daquele ano do *Jornal do Commercio*, as notícias sobre a futura Academia Goncourt, publicadas havia apenas um mês em Paris, circularam em jornais, sobretudo do Rio de Janeiro<sup>16</sup>:

O notável escritor naturalista Edmond de Goncourt comunicou a um redator do *Figaro* os estatutos de uma nova academia que assentou em criar quando ainda vivia o seu irmão Jules de Goncourt. Os estatutos desse grêmio literário foram redigidos há uns 20 anos. A nova academia terá 10 sócios, em vez de 40, como a academia francesa, e a eleição de cada um deles terá lugar do mesmo modo que a dos Imortais do Instituto.

<sup>13</sup> Os critérios de pesquisa na imprensa brasileira seguiram parâmetros semelhantes àqueles estabelecidos por Marie-Ève Thérenty (2007), investigando sobretudo jornais generalistas, populares e marcadamente políticos da então capital do Brasil, sem excluir a possibilidade de que fossem integrados ao debate periódicos de outras cidades e publicação diversas, como revistas, periódicos especializados.

<sup>14</sup> Ocupou a cadeira 24, deixada por Prosper Duvergier de Hauranne.

<sup>15</sup> Ocupou a cadeira 3, deixada por Jules Dufaure.

<sup>16</sup> Notícia veiculada em: *Gazeta da Tarde*, 2 ago. 1882, p. 1; *O Pharol*, 5 ago. 1882, p. 2; *Revista Illustrada*, 12 ago. 1882, p. 2; *Publicador Maranhense*, 6 out. 1882, p. 2; *O Liberal*, 3 nov. 1882, p. 2; *Diário do Brasil*, 17 nov. 1882, p. 2.

Os 10 primeiros sócios serão designados no testamento do sr. E. de Goncourt. Cada sócio terá um ordenado de 6.000 francos por ano. Todos os anos os sócios da academia terão de conferir um prêmio de 5.000 francos ao autor da melhor obra literária publicada durante o ano, contanto que seja em prosa. O fundador deixará, pois, 65.000 anuais para acorrer a todas essas despesas. Espera que a venda da sua preciosa coleção artística, unida à fortuna que já possui, seja suficiente para tanto. Entre os 10 primeiros sócios, notam-se os nomes de Alphonse Daudet, Zola e Louis Veuillot.

A Academia dará a cada um de seus ganhadores uma pensão vitalícia de 6.000 francos (*Jornal do Commercio*, 25 jul. 1882, p. 2).

A partir de então, a futura Academia Goncourt se tornou a protagonista de uma narrativa construída pela imprensa brasileira, sobretudo em jornais de grande porte da então capital do Império, cujas notícias foram reproduzidas em grande parte em jornais do interior do Brasil. Para a trama ficar completa, foi atribuído à Academia Francesa o papel de antagonista: “Goncourt, prevendo que nunca iria sentar-se na sala do palácio Mazarine, funda uma academia” (*Jornal do Commercio*, 17 jan. 1884, p. 1).

O lugar destinado a Alphonse Daudet na Academia Goncourt e sua possível indicação para a Academia Francesa o colocavam no centro de um imbróglio. Em 1885, com um impasse na escolha de quem ocuparia a cadeira de número 11 da Academia Francesa, deixada vaga com a morte de Edmond About, o correspondente da *Gazeta de Notícias* traz a informação de que Daudet havia sido procurado por alguns dos 40 Imortais a fim de o convidar a se candidatar, mas que ele havia declinado da proposta.<sup>17</sup> Quando, em 1888, veio à luz o romance *L’Immortel* (1888), os jornais maranhenses *O Paiz* e *Pacotilha*, dos dias 11 e 24 de junho, respectivamente, traduziram e reproduziram uma entrevista concedida por Alphonse Daudet ao jornal francês *Le Matin*, na qual o escritor afirma que por esse livro poderia ser novamente convidado a integrar a Academia Francesa e que se manteria longe de uma possível imortalidade. A declaração de Daudet levou o jornalista a inquire-lo sobre a indicação de seu nome para presidir a academia idealizada por Edmond de Goncourt. Daudet é categórico em sua resposta:

Isso é outra coisa. Essa academia é um júri encarregado de conceder prêmios e dar a mão aos escritores independentes. Bem sei que sou membro honorário, mas não há nada que eu deseje tanto como isto: não ser nunca efetivo, ou então sê-lo o mais tarde possível. Mas note que a minha aversão pela academia é um sentimento todo pessoal (*O Paiz*, 11 jun. 1888, p. 2).

---

<sup>17</sup> Notícia veiculada em: *Gazeta de Notícias*, 18 ago. 1885, p. 1. Em seguida, sintetizada e reproduzida em *A Federação*, 21 ago. 1885, p. 2



A discussão sobre a entrada de Alphonse Daudet na Academia Francesa, alimentada pelas notícias importadas de jornais franceses, estendeu-se até meados da década de 1890.<sup>18</sup>

Quando, no dia 16 de julho de 1896, Edmond morre, a imprensa brasileira logo veiculou a informação, reiterando o projeto de academia repetidas vezes.<sup>19</sup> A partir de então, a sucessão de informações que vinham sendo dadas pela imprensa sobre o testamento de Edmond ganha um tom de suspense: “Vê-lo-emos [o projeto de academia a ser executado] quando chegarem os jornais, pois dessas coisas raramente somos informados pelo telégrafo” (*O Paiz*, 18 jul. 1896, p. 1).

No dia seguinte ao da morte de Edmond, o notário Duplan leva ao Tribunal Civil a terceira versão do segundo testamento que lhe fora entregue em maio de 1892. Cinco dias após o falecimento de Edmond, as duas primeiras versões do segundo testamento são encontradas em sua casa e levadas às autoridades. As principais informações presentes nas diferentes versões do testamento não tardaram a aparecer na ordem do dia dos jornais brasileiros, que fizeram um apanhado das notícias publicadas sobre o assunto na França e as traduziram. Embora a informação principal desses textos seja as condições da morte de Edmond, o foco acaba recaindo sobre a criação da Academia, como é o caso da notícia do *Jornal do Commercio* do dia 5 de agosto de 1896, reproduzida em jornais da região Sudeste do país<sup>20</sup>:

As folhas francesas da última data trazem minuciosos pormenores dos últimos dias e do falecimento de Edmond de Goncourt.

O ilustre literato faleceu às 9 horas da manhã de 16 do passado, quase subitamente de uma congestão pulmonar consecutiva à antiga moléstia do fígado, em Champrosey, na residência do sr. A. Daudet.

O testamento foi aberto pelo presidente do tribunal civil de Paris. Os testamentários legatários são os srs. A. Daudet e Léon Hennique.

Edmond de Goncourt encarrega a esses amigos de realizar o seu projeto de criação de uma academia em que entrariam dez literatos, sete dos quais ele designa: Alphonse Daudet, Léon Hennique, os dois irmãos Rosny, Octave Mirbeau, Gustave Geoffroy e Paul Marguerite.

<sup>18</sup> A última notícia veiculada na imprensa brasileira referente à entrada de Daudet na Academia Francesa é a tradução de um artigo publicado no *Echo de Paris*, escrito por Émile de Bergerat sob o pseudônimo de Caliban, no qual convida o autor a entrar para a Academia. *A Notícia*, 10-11 jul. 1895, p. 1, reproduzido em *A Federação*, 26 jul. 1895, p. 1.

<sup>19</sup> Notícia veiculada em: *O Paiz*, 18 jul. 1896, p. 1; *Jornal do Commercio*, 5 ago. 1896, p. 2; *Correio de Minas*, 6 ago. 1896, p. 2; *Correio de Minas*, 6 ago. 1896, p. 2; *O Commercio de São Paulo*, 6 ago. 1896, p. 2; *Minas Geraes*, 7 ago. 1896, p. 6; *A Notícia*, 8 ago. 1896, p. 2; *Gazeta de Notícias*, 12 ago. 1896, p. 2; *A Notícia*, 12-13 ago. 1896, p. 2; *Gazeta da Tarde*, 18 ago. 1896, p. 2; *O Paiz*, 21 ago. 1896, p. 2; *O Paiz*, 29 ago. 1896, p. 2; *Jornal do Brasil*, 30 ago. 1896, p. 4; *Jornal do Commercio*, 2 set. 1896, p. 1; *A Notícia*, Rio de Janeiro, 17 set. 1896, p. 2; *Diário de Pernambuco*, 14 out. 1896, p. 3; *A Estação*, 15 out. 1896, p. 113.

<sup>20</sup> Notícia veiculada em: *Correio de Minas*, 6 ago. 1896, p. 2; *O Commercio de São Paulo*, 6 ago. 1896, p. 2; *Minas Geraes*, 7 ago. 1896, p. 6.

Além dessa criação, os testamenteiros deviam encarregar aos srs. Le Roger-Mart e Alidor Delzant de organizarem um catálogo dos livros e das obras de arte do *Grenier d'Auteuil*. Sob a direção dos mesmos se fará o leilão das coleções Goncourt [...] (*Jornal do Commercio*, 5 ago. 1896, p. 2).

Ao longo dos últimos meses de 1896, no que concerne ao legado de Edmond de Goncourt, a imprensa brasileira se voltou sobretudo para a abertura de seu testamento, descrevendo-o detalhadamente.<sup>21</sup> Ainda que essas notícias tenham saído na parte superior das páginas dos jornais, sobretudo nas colunas de correspondentes internacionais, elas trouxeram o mesmo efeito de narrativa serializada comumente encontrado no rodapé dos jornais. Trata-se de um caso de ficcionalização, procedimento discursivo habitual em jornais generalistas do século XIX, que consiste na aplicação, na parte informativa do periódico, de elementos geralmente vistos na seção folhetim, sobretudo nos romances seriados. Essa porosidade entre a matriz midiática e a matriz literária (THÉRENTY, 2007) rendeu procedimentos equivalentes ao pedido de que o leitor aguardasse as cenas dos próximos capítulos: “A questão fica aberta e até o próximo correio se terá discutido esta rubrica palpitante de atualidade para a gente da imprensa [...]” (*Gazeta de Notícias*, 12 ago. 1896, p. 2). Não demorou para que o público leitor do Rio de Janeiro tivesse novidades sobre os capítulos seguintes dessa trama, pois na edição do dia 18 de novembro de 1896 do *Jornal do Commercio*, o correspondente português Jaime de Séguier já adiantava a sequência dos fatos:

Desejaria falar-lhes ainda de uma prima absolutamente imprevista de Edmond de Goncourt, que acaba de irromper em Marselha, e se propõe a atacar o testamento em que o grande escritor consagrava a sua fortuna à fundação de uma Academia. Por uma vez que meia dúzia de literatos abischoitam um legado, muito empecilho lhes vem avinagrar o seu prazer. Tinha graça, realmente, se, mercê das artes e tramoias da chicana, esta criatura, de cuja existência Goncourt nem sequer suspeitava provavelmente, pois que nem a menciona no seu jornal, conseguia aniquilar o projeto que fora o pensamento dominante de toda a existência, não só do testador como de seu irmão falecido vinte e seis anos antes dele. As riquezas de arte, acumuladas pacientemente pelos ilustres colecionadores, os sacrifícios que se impuseram toda a vida para assegurar a fundação de um instituto que, no seu entender, seria o prolongamento de sua obra de homens de letras e de artistas – servirão, afinal de contas, a enriquecer uma velha prima, esquecida em um canto da província, como uma maçã engelhada atrás de um baú, que daqui em diante, gozaria basicamente, em companhia de seu gato e de seu papagaio, essa herança caída do céu.

<sup>21</sup> Notícia veiculada em: *A Notícia*, 8 ago. 1896, p. 2; *A Notícia*, 12-13 ago. 1896, p. 2; *Gazeta da Tarde*, 18 ago. 1896, p. 2; *O Paiz*, 21 ago. 1896, p. 2; *Jornal do Brasil*, 30 ago. 1896, p. 4; *Diário de Pernambuco*, 14 out. 1896, p. 3; *A Estação*, 15 out. 1896, p. 113.

Hão de confessar que seria de uma ironia superior e transcendente (*Jornal do Commercio*, 18 nov. 1896, p. 1).

Tratava-se de um dos herdeiros naturais de Edmond, a viúva Adam, nascida Rose Guérin, prima dos irmãos Goncourt por parte de mãe, a quem logo se juntaram outros parentes distantes, dentre os quais os filhos de Labille e membros da família Courmont, a fim de contestar o(s) testamento(s): “A sra. Rosa Guérin requereu anulação do testamento a seu primo Edmond de Goncourt. Lá se vai a Academia nova!” (*A Notícia*, 28 nov. 1896, p. 2). As audiências do processo de pedido de anulação do testamento de Edmond, aberto junto à Primeira Câmara do Tribunal Civil, aconteceram nos dias 7, 8, 9 e 22 de julho de 1897 e foram acompanhados de perto pela imprensa brasileira<sup>22</sup>:

No tribunal do Sena principiou o julgamento do pedido de anulação de testamento, feito pelos herdeiros naturais de Edmond de Goncourt. Como os leitores se devem lembrar, o autor de *Manette Salomon* legou tudo o que possuía a um grupo de escritores para fundar uma academia. Os herdeiros lesados julgaram achar causas da nulidade nas últimas disposições de E. de Goncourt [...] (*Jornal do Brasil*, 29 jul. 1897, p. 2).

Julgado no dia 5 de agosto daquele ano, o processo aberto pelos herdeiros naturais lhes foi desfavorável, tendo sido negociada a soma de 400.000 francos em seu favor. Os parentes de Edmond, entretanto, não se contentaram com o montante e recorreram, estendendo o processo até a virada do século.

No dia 1º de março de 1900, o Tribunal Civil dá um veredito em favor da criação da Academia Goncourt, que teve por ato simbólico de abertura um jantar na casa de Léon Hennique no dia 7 de abril daquele ano. Os desejos de dois dos principais envolvidos no projeto de criação de uma academia para celebrar e premiar o romance foi atendido: o de Daudet, de não ter sido efetivado enquanto membro da Academia idealizada por seu amigo, pois havia morrido em 17 de dezembro de 1897, em plena efervescência do julgamento; e o de Edmond, de ter fundada uma academia que mantivesse o seu nome e o de seu irmão longe do esquecimento. Os oito membros indicados por Edmond em testamento – Léon Daudet, J.-K. Huysmans, Octave Mirbeau, J.-H. Rosny aîné, J.-H. Rosny jeune, Léon Hennique, Paul Margueritte e Gustave Geffroy –, em sua primeira reunião oficial, elegeram Huysmans como seu presidente e Elémir Bourges e Lucien Descaves para compor os dez integrantes da

<sup>22</sup> Notícia veiculada em: *Minas Geraes*, 8 ago. 1897, p. 8; *Gazeta de Notícias*, 9 ago. 1897, p. 2; *Gazeta de Notícias*, 10 ago. 1897, p. 2; *Jornal do Commercio*, 16 ago. 1897, p. 1; *A Notícia*, 27-28 ago. 1897, p. 2; *Jornal do Commercio*, 8 set. 1897, p. 1; *Correio de Minas*, 21 set. 1898, p. 1; *Pacotilha*, 21 fev. 1898, p. 3; *Jornal do Recife*, 18 ago. 1898, p. 2; *Pacotilha*, São Luíz, 26 set. 1898, p. 2; *Jornal do Recife*, 8 out. 1898, p. 1.

Academia Goncourt, constituída oficialmente no dia 14 de janeiro de 1903 e reconhecida como instituição de interesse público por decreto do mesmo dia.

As notícias sobre a disputa judicial de parte da família de Edmond por seu patrimônio e sobre a fundação da Academia encerram um período da trajetória do escritor enquanto agente do campo literário<sup>23</sup>. A imprensa brasileira, narradora da história folhetinesca que se tornou a criação da Academia Goncourt, não deixou de reiterar a rivalidade desta instituição, antes mesmo de sua criação, com a Academia Francesa: “É sabido que Edmond de Goncourt, o primoroso escritor francês que há pouco faleceu [...], consignou em testamento a cláusula de venda de seus bens para a criação de uma ‘academia’, provavelmente rival da ‘Academia Francesa’” (*O Paiz*, 29 ago. 1896, p. 2). Havia, entretanto, jornalistas que não identificassem tal antagonismo entre instituições, como Jaime de Séguier, que afirmou em sua coluna “Ver, ouvir e contar” do dia 2 de setembro de 1896, que “ele [Edmond] nunca pretendeu como se tem dito, criar uma concorrência à grande Academia”, mas assegurar a escritores “a independência material necessária para poderem entregar-se, sem preocupações da luta pela existência, à produção de obras puramente e desinteressadamente literárias” (*Jornal do Commercio*, 2 set. 1896, p. 1). Tratava-se, na verdade, de uma espécie de reedição da querela entre antigos e modernos no campo literário do final do século XIX e início do século XX, que tinha por reivindicação naquele momento a entronização de um gênero literário: o romance (ASHLEY, 2004, p. 12). A Academia Goncourt visava, portanto, desde sua concepção, contrapor-se ao paradigma de legitimação literária que a Academia Francesa mantinha ao privilegiar a poesia em detrimento da prosa que a nova Academia iria defender<sup>24</sup>.

## A ACADEMIA GONCOURT E O VALOR DO ROMANCE

A posição que a instituição fundada por Edmond de Goncourt ocupou no campo literário francês à época de sua fundação foi consequência de um arranjo de fatores que em pouco tempo a elevaram à uma posição de prestígio, que se mantém até os dias atuais. Desde que o testamento começou a ser comentado nas páginas de jornais e revistas, o projeto de academia começou

<sup>23</sup> *Correio Paulistano*, 2 set. 1897, p. 1; *Pacotilha*, 21 fev. 1898, p. 3; *Jornal do Recife*, 18 ago. 1898, p. 2; *Pacotilha*, 26 set. 1898, p. 2; *Jornal do Recife*, 8 out. 1898, p. 1.

<sup>24</sup> Criada em 1634 e oficializada em seguida pelo cardeal de Richelieu, a Academia Francesa tem/teve por objetivo normatizar e aperfeiçoar a língua francesa a fim de unificar a nação por meio da língua. Apesar de a distribuição de prêmios não estar a princípio prevista dentre as atividades desta instituição, desde 1671 seus 40 membros escolhem obras de língua francesa a serem premiadas. Laureando inicialmente discursos sobre temas propostos e obras de poesia, a Academia Francesa mudou paulatinamente o perfil das distinções que atribui e as multiplicou, havendo hoje 64 prêmios, dentre os quais o Grande Prêmio de Literatura da Academia Francesa, criado em 1911; o Grande Prêmio do Romance da Academia Francesa, criado em 1914; e o Grande Prêmio da Francofonia, criado em 1986.

não somente a se tornar um evento cada vez mais midiático, como também se iniciou um processo de transferência de capitais de Edmond para o que veio a se tornar a Academia Goncourt. Apesar dos inúmeros desafetos que o escritor colecionou ao longo de sua trajetória, as alianças que manteve com escritores, editores e críticos lhe permitiram adquirir um capital social que, de certo modo, foi transferido à Academia que leva seu nome. O capital cultural do escritor, por sua vez, permitiu-lhe reunir obras de arte de valor simbólico e financeiro consideráveis, convertidas em capital econômico graças aos leilões realizados após sua morte, garantindo a independência financeira da Academia assim como uma maior autonomia da instituição no campo literário francês. O prestígio e a reputação de Edmond de Goncourt tiveram igualmente um papel importante na criação da Academia Goncourt, aos quais pode-se acrescentar o fato de que, nesta instituição, ao contrário do que ocorre com os imortais da Academia Francesa, o rol de acadêmicos seria composto exclusivamente por escritores, o que teria um peso maior dentro da lógica relacional de reconhecimento dos pares.

A premiação ininterrupta do melhor romance do ano desde 1903 pela Academia Goncourt acarretou mudanças significativas tanto na organização interna desta instituição quanto no campo literário. Com o passar do tempo e a desvalorização da moeda, a Academia Goncourt precisou recalcular a soma de 5.000 francos que o laureado recebia à época de sua criação assim como a de 6.000 francos dos 10 acadêmicos<sup>25</sup>. Os valores previstos já não asseguravam os insumos necessários para que o ganhador do prêmio se dedicasse à produção de um novo romance, e os fundos da Academia se tornavam escassos para cobrir a renda prevista para os acadêmicos, que logo abriram mão de qualquer remuneração, contentando-se com o prestígio e a visibilidade que a instituição lhes traz. A falta de verba da Academia, entretanto, não diminuiu o interesse de escritores e de editoras em serem laureados com o Prêmio Goncourt. Pelo contrário: com o passar dos anos, houve uma inflação no número de títulos enviados pelas editoras ao júri, como assinala Edmonde Charles-Roux, presidente da Academia entre 2002 e 2014 (CHARLES-ROUX, 2004, p. 25).

O processo de seleção dos romances que concorrerão ao Prêmio Goncourt atualmente tem início oficial, segundo o site da Academia Goncourt, no dia 10 de agosto de cada ano, quando seus 10 membros se reúnem para dar início ao processo de eleição do melhor romance do ano, escrito originalmente em língua francesa e publicado em uma editora francófona que tenha um circuito de distribuição em livrarias. Há, entretanto, entre os dias 1º de julho e

---

<sup>25</sup> Segundo o jornalista Laurent Calixte, no artigo “Combien va rapporter le prix Goncourt?”, de 4 de novembro de 2013, publicado no hebdomadário especializado em economia *Challenges*, em dias atuais, a renda de 5.000 francos oferecida ao escritor laureado equivaleria a 30.000 euros, e a renda de 6.000 francos dos 10 acadêmicos, por sua vez, equivaleria a 3.000 euros mensais (CALIXTE, 2013).

15 de setembro, uma triagem prévia, que foge ao domínio da Academia. Segundo Charles-Roux, os acadêmicos não entram em contato com os editores: “eles [os editores] nos enviam, a cada um dos dez jurados, não a totalidade de suas produções, porque há alguns romances que eles não nos enviariam, mas aqueles que consideram os melhores” (CHARLES-ROUX, 2004, p. 25)<sup>26</sup>. Dentre os títulos recebidos, o júri indica 15, em seguida 8 e finalmente 4, entre setembro e outubro para que o prêmio – um cheque de 10 euros – possa ser atribuído no início do mês de novembro ao melhor dos quatro finalistas (ACADÉMIE GONCOURT, 2019). O valor irrisório que o autor escolhido pelo júri recebe, contudo, é inversamente proporcional ao prestígio que o Prêmio confere. Serão, portanto, as grandes tiragens que o Prêmio passou a garantir, a certeza de que o título laureado será traduzido em diversas línguas e as demais formas de monetizar a fama que proporcionam um montante significativo aos escritores premiados.

Nas últimas décadas do século XX, derivaram-se do Prêmio Goncourt novas distinções sob a chancela da Academia Goncourt. Trata-se do reconhecimento de obras que não se enquadram nos critérios do Prêmio – sobretudo no que diz respeito ao gênero literário –, denominados de “bolsa” até 2009, hoje chamados apenas de Goncourt de la Poésie Robert Sabatier, Goncourt de la Biographie Edmonde Charles-Roux, Goncourt de la nouvelle, Goncourt du premier roman e Goncourt des Lycéens<sup>27</sup>. Há ainda o Choix Goncourt à l'étranger, estratégia de internacionalização iniciada na década de 1970, que segue as mesmas regras do Prêmio Goncourt, distinguindo-se deste pelo fato de o júri ser composto por estudantes de institutos franceses ou de instâncias promotoras da francofonia na Argélia, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, China, Eslovênia, Espanha, Geórgia, Grécia, Itália, Marrocos, Polônia, República Tcheca, Romênia, Sérvia, Suíça e Tunísia assim como nos países que formam o Oriente Médio e o Reino Unido.<sup>28</sup>

Desde 1914, as reuniões mensais, exceto no verão, dos 10 membros da Academia Goncourt acontecem no restaurante Drouant, no segundo *arrondissement* de Paris, palco de diversas polêmicas envolvendo o Prêmio. Dentre os episódios que chamaram a atenção da imprensa para os bastidores da Academia há a renúncia do Prêmio por Julien Grac ao romance *Le Rivage*

---

<sup>26</sup> “[...] ils [les éditeurs] nous envoient à chacun des dix jurés non pas la totalité de leur production, parce qu’il y a quelques romans qu’ils [ne] nous enverraient pas, mais ceux qu’ils considèrent les meilleurs”.

<sup>27</sup> Os Prêmios Goncourt de... são subvencionados pela prefeitura de Paris e/ou por doações. O Goncourt des Lycéens é fruto da parceria da Academia Goncourt com o Ministério da Educação da França e com a Fnac.

<sup>28</sup> O Choix Goncourt du Brésil é coordenado pelas equipes do Instituto Francês do Brasil, pelos adidos de cooperação linguística e educativa do Bureau du livre e pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade de Brasília (UnB).

*des Syrtes* (1951); a ameaça de recusa de Simone de Beauvoir por *Les Mandarins* (1954); a atribuição do Prêmio concebido para encorajar os jovens literatos ao romance *L'Amant* (1984), de Marguerite Duras, que à época tinha 70 anos; e a atribuição do Prêmio duas vezes ao mesmo escritor, Romain Gary, por *Les Racines du ciel* (1956) e por *La Vie devant soi* (1975), este último assinado com o pseudônimo Émile Ajar. É possível ainda mencionar a relação de alguns de seus membros com editoras, o que colocou em questão a imparcialidade na seleção do título laureado; ou mesmo o fato de que nem todos os membros do júri liam os romances que concorriam ao Prêmio, fazendo a imprensa se interrogar sobre os critérios de escolha. Entre 2014 e 2019, o jornalista e escritor Bernard Pivot provocou mudanças significativas nas disposições do júri a fim de garantir maior imparcialidade e comprometimento em sua atribuição, limitando a idade máxima dos membros a 80 anos, impedindo-lhes de ter relações profissionais com editoras e instituindo a leitura obrigatória de todos os títulos que concorrerão ao Prêmio. Em 2019, Pivot tornou-se membro honorário da Academia e deixou o posto de presidente, logo assumido por Didier Decoin.

## CONCLUSÃO

Parte do projeto de sobrevivência literária idealizado por Edmond de Goncourt, a Academia que leva seu nome e o de seu irmão foi alvo não somente do interesse da imprensa francesa, mas também da brasileira, que esteve a par das discussões sobre os bastidores de sua criação. Com a morte de Edmond e, conseqüentemente, sua saída do campo literário francês enquanto agente, o binômio Edmond e Jules, unidos pelo nome Goncourt, tornou-se um nome próprio em circulação nesse campo, ao qual foram atribuídos valores continuamente atualizados, não mais por sua produção artística, mas pelos posicionamentos e lutas simbólicas da Academia Goncourt e das polêmicas em torno do Prêmio por ela atribuído. Ao longo do século XX e início do XXI, tanto a Academia quanto o Prêmio atuaram ativamente no estabelecimento e na regulação de princípios de legitimidade de agentes e de obras assim como na manutenção da autonomia relativa do campo literário.

A midiaticização da Academia Goncourt, desde a época em que ainda era um projeto, somada ao nome de escritores ilustres e à sua independência financeira são frutos de um testamento que é tido hoje não somente como um documento fundador daquela instituição, mas também como um *vade-mecum* dos acadêmicos. A linha de condução precisa desse documento talvez tenha sido um dos fatores que elevaram a prosa ao nível da poesia no início do século XX – ainda que, como aponta Katherine Ashley, a via tomada para isso tenha sido tão midiaticizada que o Prêmio Goncourt arrisca desvalorizar o que ele tenta elevar (ASHLEY, 2004, p. 13).

A Academia Goncourt encontra-se paradoxalmente ligada à tradição e à vanguarda: por um lado, ela foi concebida e se mantém até os dias atuais nos moldes de uma instituição burguesa de consagração do século XIX, por outro lado, ela saiu em defesa do romance, gênero que estava em plena ascensão, mas que permanecia preterido pela Academia Francesa, que criou um artifício de legitimação para este gênero somente em 1914. O novo status do romance no início do século XX e o reconhecimento institucionalizado desse gênero pela Academia Goncourt tiveram, finalmente, consequências que incidem ainda hoje sobre a hierarquia de gêneros literários em circulação.

## REFERÊNCIAS

*A Estação*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 19, 15 out. 1896, p. 113.

*A Federação*, Porto Alegre, ano 2, n. 182, 21 ago. 1885, p. 2; ano 12, n. 175, 26 jul. 1895, p. 1.

*A Notícia*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 179, 10-11 jul. 1895, p. 1; ano 3, n. 188, 8 ago. 1896, p. 2; ano 3, n. 192, 12-13 ago. 1896, p. 2; ano 3, n. 222, 17 set. 1896, p. 2; ano 3, n. 284, 28 nov. 1896, p. 2; ano 4, n. 204, 27-28 ago. 1897, p. 2.

ACADÉMIE GONCOURT. *Prix Goncourt; Présentation*. 2019. <https://www.academiegoncourt.com/presentation-prix-goncourt>. Acesso em 21 out. 2019.

AÏSSAOUI, Mohammed; DARGENT, Françoise. Le bandeau, meilleur ami du livre? *Le Figaro*, 21 jan. 2010. <https://amp.lefigaro.fr/livres/2010/01/21/03005-20100121ARTFIG00503-le-bandeau-meilleur-ami-du-livre-.php> Acesso em 20 out. 2019.

ASHLEY, Katherine. Avant-propos. In: ASHLEY, Katherine. (org.). *Prix Goncourt, 1903-2003: essais Critiques*. Berne: Peter Lang, 2004, p. 11-19.

BONNIN-PONNIER, Joëlle. Le Grenier d'Edmond de Goncourt: une forme particulière de sociabilité? *Cahiers Edmond et Jules de Goncourt*, Paris, n. 19, p. 113-128, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CALIXTE, Laurent. Combien va rapporter le prix Goncourt? *Challenges*, online, 4 nov. 2013. [https://www.challenges.fr/entreprise/combien-va-rapporter-le-prix-goncourt\\_170364](https://www.challenges.fr/entreprise/combien-va-rapporter-le-prix-goncourt_170364). Acesso em 21 out. 2019.



CHARLES-ROUX, Edmonde. Entretien. In: ASHLEY, Katherine (org.). *Prix Goncourt, 1903-2003: essais Critiques*. Berne: Peter Lang, 2004, p. 21-37.

*Correio de Minas*, Juiz de Fora, ano 3, n. 67, 6 ago. 1896, p. 2; ano 5, n. 88, 21 set. 1898, p. 1.

*Correio Paulistano*, São Paulo, ano 44, n. 12295, 2 set. 1897, p. 1.

DEFFOUX, Léon. *Du testament à l'Académie Goncourt. Suivi d'une petite Chronologie du Testament, de l'Académie et du Prix Goncourt*. Paris: Société Anonyme d'Editions et de Librairie, 1920.

*Diário de Pernambuco*, Recife, ano 77, n. 233, 14 out. 1896, p. 3.

*Diário do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 262, 17 nov. 1882, p. 2.

*Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 175, 2 ago. 1882, p. 1; ano 17, n. 229, 18 ago. 1896, p. 2.

*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 22, n. 225, 12 ago. 1896, p. 2; ano 23, n. 210, 9 ago. 1897, p. 2; ano 23, n. 211, 10 ago. 1897, p. 2; ano 8, n. 3, 3 jan. 1882, p. 1.

GLINOER, Antony; LAISNEY, Vincent. *L'Âge des cénacles. Confraternités littéraires et artistiques au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Millau, 2013.

GONCOURT, Edmond e Jules de. *Journal des Goncourt*. 3 tomes. Paris: Robert Laffont, 1989.

*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 243, 30 ago. 1896, p. 4; ano 7, n. 210, 29 jul. 1897, p. 2.

*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 61, n. 205, 25 jul. 1882, p. 2; ano 63, n. 17, 17 jan. 1884, p. 1; ano 77, n. 226, 16 ago. 1897, p. 1; ano 77, n. 249, 8 set. 1897, p. 1; ano 79, n. 218, 5 ago. 1896, p. 2; ano 79, n. 246, 2 set. 1896, p. 1; ano 79, n. 323, 18 nov. 1896, p. 1.

*Jornal do Recife*, Pernambuco, ano 61, n. 182, 18 ago. 1898, p. 2; ano 61, n. 225, 8 out. 1898, p. 1.

*Le Figaro*, Paris, ano 28, n. 175, 24 jun. 1882, p. 2.

*Minas Geraes*, Ouro Preto, ano 5, n. 212, 7 ago. 1896, p. 6; ano 6, n. 210, 8 ago. 1897, p. 8.

*O Commercio de São Paulo*, São Paulo, ano 4, n. 1029, 6 ago. 1896, p. 2.

*O Liberal*, Belém, ano 14, n. 243, 3 nov. 1882, p. 2.

*O Paiz*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 4307, 18 jul. 1896, p. 1; ano 12, n. 4341, 21 ago. 1896, p. 2; ano 12, n. 4349, 29 ago. 1896, p. 2.

*O Paiz*, São Luís, ano 26, n. 155, 11 jun. 1888, p. 2.

*O Pharol*, Juiz de Fora, ano 16, n. 84, 5 ago. 1882, p. 2.

*Pacotilha*, São Luís, ano 8, n. 173, 24 jun. 1888, p. 2; ano 18, n. 229, 26 set. 1898, p. 2; ano 18, n. 44, 21 fev. 1898, p. 3.

*Paris-midi*, Paris, ano 16, n. 490, 10 dez. 1926, p. 1.

*Publicador Maranhense*, São Luís, ano 61, n. 226, 6 out. 1882, p. 2.

*Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 311, 12 ago. 1882, p. 2.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Seuil, 2007.

Recebido em 31/08/2020

Aceito em 21/10/2020